



ESPAÇO GEOGRÁFICO, URBANIZAÇÃO E INFORMAÇÃO NOS PAÍSES PERIFÉRICOS¹

GEOGRAPHICAL SPACE, URBANIZATION AND INFORMATION IN PERIPHERAL COUNTRIES

ESPACE GÉOGRAPHIQUE, URBANISATION ET INFORMATION DANS LES PAYS PÉRIPHÉRIQUES

Fernando Antonio da Silva

Doutorando em Geografia na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

fernando.s.12@hotmail.com

RESUMO

No livro *O Espaço Dividido*, publicado primeiramente em 1975, na França, Milton Santos atribui um papel central à informação, ao lado do consumo, na teoria que ele propõe para interpretar a urbanização nos países periféricos. Quando o autor menciona a informação está se referindo especialmente à publicidade. Esta, por um lado, é central na explicação sobre a origem dos dois circuitos da economia urbana e, por outro, na definição da dependência à qual o circuito inferior está sujeito. Com a globalização neoliberal dos anos 1980-90, processo que torna a variável informação cada vez mais indispensável às várias etapas dos processos produtivos hegemônicos, seria interessante nos perguntarmos sobre o *status* da informação e seu lugar na definição das relações entre os circuitos da economia urbana. Neste sentido, procuramos mostrar que as dinâmicas recentes da economia mundial vêm reforçando a importância da variável informação para compreendermos a subordinação do circuito inferior ao circuito superior da economia urbana.

PALAVRAS-CHAVE: urbanização; Informação; Circuitos da economia urbana.

ABSTRACT

In the book entitled *The Divided Space*, first published in 1975 in France, Milton Santos gives information a central role, beside the consumption, in the theory in which he proposes an interpretation of urbanization in peripheral countries. Thus, when the author talks about information, he is referring specially to publicity. On the one hand, publicity is a central matter to explain the origins of the two circuits of the urban economy and, on the other hand in the dependency definition to which the lower circuit is subject. With the neoliberal globalization in the decades of 1980 and 1990, process that makes the variable increasingly essential information to the various stages of hegemonic processes, it would be interesting to ask about its status and its position in the definition of the relationship between circuits of urban economy. In this sense, we aim to show in this article show that the recent dynamics of the world economy have been reinforcing the importance of variable information to understand the subordination of the lower circuit to the upper circuit of the urban economy.

KEYWORDS: urbanization; Information; Circuits of the urban economy.

RÉSUMÉ

Dans le livre intitulé *L'espace Partagé*, publié pour la première fois en 1975 en France, Milton Santos attribue un rôle central à l'information, à côté de la consommation, dans la théorie qu'il propose pour interpréter l'urbanisation dans les pays périphériques. En faite, quand l'auteur parle de l'information il fait

¹ Texto produzido no primeiro semestre de 2014 como requisito final para a disciplina A Reorganização do Território Brasileiro no Período da Globalização: a Informação, ministrada pela prof^a Dra. Adriana Bernardes no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

référence à la publicité. Pour Milton Santos, d'une part, la publicité est constituée l'élément central dans l'explication sur l'origine des deux circuits de l'économie urbaine et, d'autre part, dans la définition de la relation de dépendance à laquelle le circuit inférieur est soumis. Avec la modernisation néolibérale dans les années 1980-90, processus dans lequel l'information occupait une place de plus en plus indispensable aux différentes étapes de production hégémonique, ainsi, il serait intéressant de nous interroger sur le statut de l'information et de son rôle dans la définition des relations entre les circuits. En ce sens, nous montrons dans cet article que le changement de statut de l'information dans les processus économiques a renforcé l'importance de ce variable pour comprendre la subordination du circuit inférieur au supérieur de l'économie urbaine.

MOTS-CLES: urbanisation; Information; Circuits de l'économie urbaine.

INTRODUÇÃO

O Espaço Dividido é um livro de Milton Santos cuja primeira edição foi publicada na França, em 1975. Nele, o autor propõe uma teoria para interpretar a urbanização nos países periféricos e, no enredo apresentado ao longo da obra, um papel central é atribuído à informação e ao consumo. As duas variáveis aparecem juntas porque quando o autor menciona a informação está se referindo de maneira especial, embora não exclusivamente, à informação-publicidade. Esta, no período pós Segunda Guerra Mundial, se difunde seletivamente para os países pobres, alterando fortemente o padrão de consumo mesmo das populações que sobrevivem de baixos rendimentos ou de rendimentos ocasionais.

Portanto, na proposição que Milton Santos nos apresenta sobre o desenvolvimento de dois circuitos da economia urbana, responsáveis pela dinâmica do espaço urbano dos países periféricos, a informação-publicidade é primordial para compreendermos as consequências da modernização tecnológica para a urbanização de um território e de uma sociedade que acumulam modernizações incompletas. É importante considerar que a variável informação se encontra no cerne de vários dos processos que explicam o rearranjo das forças produtivas e as novas formas de desigualdades socioespaciais na segunda metade do século XX. Na elaboração de Milton Santos, trata-se de uma variável fundamental para explicar as diversas relações que se tecem entre o circuito superior e o circuito inferior da economia nos espaços urbanos dos países periféricos.

Todavia, é conveniente lembrar que a teoria d'*O Espaço Dividido* não é a única a reconhecer o papel da difusão das novas formas de consumo na urbanização dos países pobres no período aqui em apreço. Inúmeros autores, de uma forma ou de outra, consideraram algumas consequências desse processo. Podemos citar, somente a título de exemplo, duas obras importantes. Roberts (1978, pp. 114-119), ao propor a existência de um setor de pequena escala (*small-scale sector*) e um setor de grande escala (*large-scale sector*), afirmava que na América Latina o peso das novas formas de consumo entre os pobres se tornara muito forte, de modo que as atividades de pequena dimensão acabavam por servir, principalmente, para atender ao gosto criado pelo setor de grande escala. Já



Amstronng e McGee (2007 [1985]), escrevendo uma década depois de Milton Santos, verificaram *tendências divergentes* na esfera da produção entre os diversos países do “Terceiro Mundo” mas o oposto na esfera do consumo, esfera esta que segundo os autores revelaria, mais do que antes, *tendências convergentes*. Contudo, queremos sugerir que o lugar que a variável informação ocupa no esquema explicativo da teoria dos dois circuitos da economia urbana é específico, sendo, na nossa opinião, um dos fatores importantes que acabam por colaborar para manter a atualidade dessa teoria em face das transformações mais recentes na economia mundial.

O presente artigo está organizado em mais três partes, além das considerações finais. Na primeira parte, pontuamos algumas discussões sobre o processo de urbanização nos países periféricos no período pós Segunda Guerra Mundial, bem como sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana, dando ênfase especial ao papel atribuído à variável informação. Em seguida, buscamos destacar os principais traços da globalização neoliberal que alcança os países periféricos nas últimas décadas do século XX, especialmente na última década quando se torna hegemônica. Na terceira parte, elencamos algumas das transformações principais que os dois circuitos da economia urbana conhecem como decorrência direta do novo contexto, ao passo em que também argumentamos sobre a atualidade dessa teoria. As considerações finais sintetizam os argumentos do texto.

1. A INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DE FORMAÇÃO DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

A teoria dos dois circuitos da economia urbana foi apresentada por Milton Santos em meados da década de 1970. O contexto que alimentou a construção dessa teoria resultou do deslocamento da grande indústria moderna para os países pobres, no período em que se alimentava aquilo que Celso Furtado (1974) chamou de *mito do desenvolvimento*. É a fase, então, em que as indústrias com altos coeficientes de capital são implantadas no “Terceiro Mundo” com o intuito de usufruírem de vantagens locacionais e da abundância de mão de obra barata. Como esses países vivenciavam taxas elevadas de crescimento demográfico e de êxodo rural, as atividades modernas não atenderam a demanda crescente por emprego, mas afetaram profundamente as formas de produção, distribuição e consumo de várias economias nacionais.

Por um lado, os meios de comunicação e informação possibilitaram que essas grandes firmas deslocassem suas unidades produtivas por diversos países, sem a necessidade de deslocar também suas respectivas sedes, ou seja, mantendo a centralização do comando; por outro, tais meios acabaram por permitir a incorporação seletiva das populações do “Terceiro Mundo” à

chamada sociedade de consumo² (BAUDRILLARD, 2008, p. 60; 1995, pp. 73-76). Trata-se, portanto, de uma etapa singular do capitalismo na qual um número reduzido de grandes empresas, atuando de maneira praticamente simultânea em diversas escalas, objetivam, como bem denunciou Paul Vieille (1974, p. 3), “[...] “rationaliser” la société comme instrument de production, d’échange, de consommation et en conséquence [...] organiser l’espace selon sa logique propre [...]”.

É precisamente nesse processo de racionalização da sociedade que o sociólogo Armand Marttelart (1994, p. 6) destaca a centralidade que adquiriram os meios de comunicação de massa para aqueles que planejavam a *modernização do Terceiro Mundo*. Assinala este autor que tais meios, “[...] considerados agentes de desenvolvimento, produtores de condutas modernas”, deveriam funcionar literalmente como “passadores”, ou seja, a ampliação do alcance dos meios de comunicação para os lugares e populações “tradicionais” culminaria na adoção generalizada de condutas “modernas”. Nesta visão estreita, a consequência econômica e social de tal processo seria, enfim, o desenvolvimento.

Entretanto, tudo se passou de maneira oposta e, como sabemos, novas e complexas formas de desigualdades socioespaciais se sobrepuseram às mais remotas. Diversos pesquisadores, governos de vários países e organizações supranacionais, buscaram elaborar propostas teóricas para interpretar as consequências desse processo. No entanto, podemos dizer que prevaleceram aquelas propostas que identificavam a atuação de dois setores econômicos. Estas interpretações, que acabaram por se tornar hegemônicas, sofriram, na visão de Milton Santos (2008a [1979]), de um problema comum: não viam o processo na sua totalidade, nem muito menos a especificidade do processo de urbanização e espacial nos países de “Terceiro Mundo”³.

Por outro lado, havia um conjunto de autores, entre os quais podemos incluir Milton Santos com a formulação dos dois circuitos da economia urbana, que, como escreve Coraggio (1991, p. 327), estavam arduamente empenhados em demonstrar “[...] que no había dualismo, que todo era un sólo sistema [...]”. Mas há ainda diferenças substanciais mesmo entre os autores envolvidos nessa empreitada de que fala Coraggio, e tais diferenças estão, ainda que não exclusivamente, relacionadas ao posto atribuído à variável informação⁴.

² Para uma abordagem geográfica sobre essa participação desigual das populações urbanas nos consumos modernos ver também George (1965) no seu livro clássico *Geografia do Consumo*.

³ Segundo Armstrong e McGee (2007, p. 13) o modelo dualista da estrutura econômica dos países do “Terceiro Mundo” foi introduzido na década de 1950 por autores como Boeke (1953) e Lewis (1958). A versão mais aceita dessa perspectiva foi a ideia de setor formal e informal.

⁴ Oliveira (1987, p. 31), preocupado com as redefinições das forças capitalistas que explicariam a coexistência do “moderno” e do “tradicional” no Brasil, é incisivo ao dizer que a expansão do consumo não é razão principal da modernização industrial. Para ele, trata-se de entender o modo de acumulação urbano próprio à formação histórica do Brasil. Reconhecemos as contribuições de perspectivas como a de Oliveira, aliás muito próximas da de outros autores da época no que se refere à centralidade atribuída às relações capital-trabalho (ver o exemplo do conceito de “Massa



A teoria d’*O Espaço Dividido* propõe que as consequências desses processos do período técnico-científico são a formação de dois circuitos espaciais, circuitos em que as diferentes etapas (produção, distribuição, comercialização e consumo) são realizadas com quantidades e qualidades bastante diversas de técnicas, capitais e organização. Malgrado todas estas diferenças, os dois circuitos se encontrariam imbricados por meio de um sistema complexo de relações. Para chegar a essa conclusão, Milton Santos toma como método a história dos países do “Terceiro Mundo”, mas não esquece as especificidades do período pós Segunda Guerra Mundial. É precisamente nessas especificidades que ele posiciona a informação:

Pela primeira vez na história dos países subdesenvolvidos, duas variáveis elaboradas no centro do sistema encontram uma difusão generalizada nos países periféricos. Trata-se da informação e do consumo – a primeira estando a serviço do segundo -, cuja generalização constitui um fator fundamental de transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço. [...] *A difusão da informação e a difusão das novas formas de consumo constituem dois dados maiores da explicação geográfica.* Por intermédio das suas diferentes repercussões, elas são ao mesmo tempo geradoras de forças de concentração e de forças de dispersão, cuja atuação define as formas de organização do espaço. (SANTOS, 2008a, [1979], pp. 35-36 grifos nossos).

Dessa forma, na perspectiva do autor, a divisão do trabalho moderna acaba por criar novas demandas de consumo, usando-se, para isso, da informação. A questão principal residiria, então, na maneira seletiva pela qual a produção e o consumo modernos transformam os espaços do “Terceiro Mundo”, e isto está ligado à história subordinada desses países na divisão internacional do trabalho. Temos, para o autor, a formação de dois circuitos econômicos nas cidades.

Com altos graus de capital, tecnologia e organização, o circuito superior é formado pelos bancos, indústria de exportação, comércio moderno, indústria urbana moderna, serviços urbanos modernos, atacadistas e transportadores. A atividade deste circuito “[...] é, em grande parte, baseada na publicidade, que é uma das armas utilizadas para modificar os gostos e deformar o perfil da demanda” (SANTOS, 2008a [1979], p. 46).

Mas além da ampliação do consumo pela interferência da propaganda, houve o aumento paralelo do desemprego. Acontece, então, exatamente como assinalou George (1965, p. 35): “Esse novo sistema de consumo tem seus beneficiários e suas vítimas. Não é suficiente para corresponder às necessidades e desejos de todos os que seduziu”. Desse modo, criou-se, paralelamente, o circuito inferior da economia urbana. Este circuito é constituído por uma gama de pequenas atividades

☐

Marginal” de José Nun (1969)). Contudo, de certa maneira essa perspectiva deixa de considerar a dinâmica do então chamado setor “tradicional” no momento em que alguns de seus processos não se explicam somente pelas necessidades de reprodução do capital mas também pela sua constituição própria.



industriais, comerciais e de serviços caracterizadas pelo uso não intensivo de capital, embora também resulte do mesmo processo de modernização. Derivam daí as contradições que perpassam o circuito inferior: apesar de ter dinamismos específicos e características próprias, uma de suas funções principais seria “[...] difundir o modo capitalista de produção entre a população pobre através do consumo, e absorver para o circuito superior a poupança e a mais-valia das unidades familiares, por intermédio da máquina financeira, de produção e de consumo” (SANTOS, 2009b [1978], p. 70).

Revela-se, portanto, um aspecto fundamental: o da dependência do circuito inferior em relação ao circuito superior, exatamente por não poder, na maior parte das situações, produzir os gostos de consumo, mas atuar nos interstícios da demanda produzida pelo circuito superior. É conveniente lembrar que, segundo Milton Santos, as atividades desse subsistema inferior, no período em tela, não realizavam propaganda.

Assim, parece que um dos principais aspectos da teoria dos dois circuitos da economia urbana que a diferencia das demais explicações para o mesmo processo é a consideração da dinâmica econômica na sua totalidade: produção, distribuição, comercialização e consumo. E é justamente por isso que a variável informação ganha destaque.

2. A CENTRALIDADE DA VARIÁVEL INFORMAÇÃO NO PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL

Os países periféricos conhecem novos processos de modernização nas últimas décadas do século XX, o que vem junto e, ao mesmo tempo decorre, da reestruturação neoliberal do capitalismo. A variável informação, cuja importância passa a envolver novas modalidades além da publicidade (BERNARDES, 2011 [2001], p. 380), ganha centralidade nos processos que definem o período. Estaríamos agora, de acordo com Santos (2008 [1994]), no período técnico-científico-informacional da história do espaço. Tal é a centralidade da variável informação que podemos compreendê-la como elemento constituinte do meio geográfico.

O contexto econômico neoliberal, que passa a dominar as diretrizes capitalistas para os países periféricos nos anos 1990 (HARVEY, 2008), implica, de acordo com Ianni (2000), um novo papel do Estado que deve agir em função dos interesses econômicos mundiais. Segundo as diretrizes neoliberais, devem prevalecer os imperativos do mercado capitalista através de medidas tais como: privatizações, competitividade, privilégio do mercado externo, adoção de relações flexíveis de trabalho etc., ou seja, “[...] a prevalência exclusiva do mercado como a única instituição



reguladora, auto-reguladora tanto da alocação dos recursos econômicos como das relações sociais e da sociabilidade em sentido geral [...] (OLIVEIRA, 1999, pp. 55-56).

Neste contexto, mudanças importantes ocorrem na forma de as grandes empresas usarem o território (SANTOS, 1994), tanto nos países centrais do capitalismo como nos países periféricos. No período pós Segunda Guerra Mundial, explica Coraggio (1991, p. 325), quando a disponibilidade de mão de obra, associada à sua baixa remuneração, era um fator fundamental que garantia a competitividade dos países pobres, ainda era possível vislumbrar um futuro relativamente estável para as cidades, mas tal possibilidade ficou extremamente difícil com as chamadas formas “flexíveis” de atuação das grandes empresas.

De acordo com Castells (1998, p. 371):

En las economías capitalistas, empresas y gobiernos adoptaron diversas medidas y políticas que, en conjunto, llevaron a una nueva forma de capitalismo. Ésta se caracteriza por la globalización de las actividades económicas centrales, la flexibilidad organizativa y un mayor poder de la empresa en su relación con los trabajadores.

Aumenta, sobretudo, o poder que os agentes hegemônicos detêm para atuarem, ao mesmo tempo, em diversos países, reduzindo custos e ampliando lucros. Assim, antigas restrições políticas para a atuação de agentes globais, sobretudo em países periféricos, são reduzidas ou eliminadas quando muitos governos aderem ao conjunto de medidas que caracterizam as políticas neoliberais. A política de muitos governos passa, destarte, a incentivar uma verdadeira “guerra” entre as regiões de seus próprios países para atrair investimentos de grandes corporações (SANTOS, 2011 [2001]; HARVEY, 2008; 2011).

Desse modo, aquele *mito do desenvolvimento* nacional de que falava Celso Furtado não compõe mais o rol de justificativas do novo processo de modernização. Agora, como disse Quijano (1998, pp. 30-31), “[...] los nuevos personajes de la ‘modernización’ asumen la legitimidad y hasta la necesidad de la desigualdad social”. Nessa lógica de que cada local deve agir por si só para atrair o capital internacional, os territórios dos países periféricos veem a desigualdade aumentar enormemente.

Portanto, nos países periféricos, aumenta drasticamente a interferência dos agentes econômicos mundiais que já era bastante forte principalmente através dos elementos impuros do circuito superior da economia urbana (SANTOS, 2008 [1978], p. 41). Tanto é assim que Santos & Silveira (2011 [2001]) falam de um “território nacional da economia internacional”, para se referirem à situação do Brasil no contexto da globalização, e Harvey (2011) destaca o exemplo da

China para explicar como o excedente de capital produzido por grandes empresas encontram situações rentáveis em certos países pobres.

São múltiplos os processos e variáveis envolvidas na produção desse novo contexto de globalização da economia e flexibilização dos mercados. Entretanto, de forma particular, a variável informação vai ganhando cada vez mais centralidade. É o que explica mais uma vez Castells (1998, p. 371):

Las nuevas tecnologías de la información desempeñaron un papel fundamental al facilitar el surgimiento de este capitalismo flexible y dinámico, proporcionando las herramientas para la comunicación a distancia mediante redes, el almacenamiento/procesamiento de la información, la individualización coordinada del trabajo y la concentración y descentralización simultáneas de la toma de decisiones.

Cabe pensar, portanto, nos termos de Lojkin (2002), em uma verdadeira “revolução informacional”. A definição que o autor elabora para compreender esse processo parece ser bastante útil para analisar a importância da variável informação para o circuito superior da economia urbana dos países periféricos, atualmente. Ele nos diz que a “revolução informacional”

[...] não se limita à *estocagem* e à *circulação* de informações codificadas sistematicamente pelos programas de computador ou difundidas pelos diferentes *mass media*. Ela envolve sobretudo a *criação*, o *acesso* e a *intervenção sobre* informações *estratégicas*, de síntese, sejam elas de natureza econômica, política, científica ou ética; de qualquer forma, *informações sobre informação*, que *regulam o sentido* das informações operatórias, particulares, que cobrem a nossa vida cotidiana. (LOJKINE, 2002, p. 109 grifos no original)

Desse modo, no período da globalização, torna-se mais verdadeira do que nunca a afirmação de Nora (1979, pp. 186-187) segundo a qual a informação passa a ser um conjunto de saberes organizado, isto é, um saber fabricado para determinado fim. O que interessa às grandes empresas capitalistas contemporâneas é, portanto, a informação estratégica⁵, como aquelas produzidas pelas empresas de consultoria (BERNARDES, 2011 [2001]) e pelas agências de publicidade (ANTONGIOVANNI, 2011 [2001]), por exemplo. Este tipo de informação exige, de parte das atividades econômicas, alto coeficiente de capital para acessá-la e um alto grau de organização para manipulá-la, por isso é um recurso “[...] utilizado de forma seletiva e hierárquica [...]”

⁵ Bernardes (2011 [2001], p. 380) aponta quatro tipos de informação organizacional que constituem saberes estratégicos para as empresas: “[...] a informação sobre negócios (consultorias, marketing), a informação metamorfoseada em dinheiro (as finanças e seus instrumentos modernos), a informação enquanto imagem (publicidade) e a informação tecnológica (pesquisa pura e aplicada)”.



(BERNARDES, 2011 [2001], p. 380). Não se trata, aqui, somente da informação banal como aquelas que circulam livremente na televisão e na internet, por exemplo.

Os dois circuitos da economia urbana participam conjuntamente dessas novas modernizações (SILVEIRA, 2007; 2009; 2010; 2011a; 2011b; OLIVEIRA, 2009; MONTENEGRO, 2011; F. C. SILVA, 2012; S. SILVA, 2012). Contudo, a maneira como se dá essa participação é a questão que se coloca.

3. TRANSFORMAÇÕES NOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA COM A REVOLUÇÃO INFORMACIONAL

Hassan Zaoual (2006), pensando sobre a economia que está sendo aqui tratada como Circuito Inferior face ao contexto da globalização, aponta que hoje, mais do que na década de 1970, essa economia é importante para os países periféricos. Nas suas palavras:

Se, no início, durante os anos 1960-70, a economia dita informal agia como um corretivo para as anomalias dos modelos de desenvolvimento nos países do Sul, hoje em dia, a crise que afeta as populações dessas regiões e, também, as consequências dos programas de ajuste, só ampliam a proliferação das microatividades da economia popular. Devido a sua extensão e sua multiplicidade, a economia informal se tornou o *centro de gravidade* da vida econômica nos países pobres (ZAOUAL, 2006, p. 207 grifos no original).

Dessa forma, as desigualdades socioespaciais vêm aumentando nos países periféricos. E no aspecto de produção da desigualdade, lembra Zaoual (2006, p. 61), “[...] nada distingue, em profundidade, o desenvolvimento dos anos 1960-70 e a globalização dos anos 1980-90. É sempre a mesma fonte de inspiração: a segunda parece ser a irmã gêmea do primeiro”. Assim, como afirma Silveira (2011b, p. 15), “en el período de la globalización, la ciudad surge, más que nunca, como el espacio de todos los agentes, a pesar de su grado desigual de capital, tecnología y organización”.

Com exceção de alguns poucos estudos isolados, a teoria dos dois circuitos da economia urbana foi pouco utilizada nas duas décadas que se seguiram à sua formulação. Escrevendo em 2000, Sposito (2000), com razão, reclamava do fato de que essa proposta elaborada para a realidade dos países pobres não tinha sido debatida e testada como deveria. Em anos recentes, porém, aumentou a quantidade de estudos utilizando esse esquema teórico. Assim, algumas pesquisas realizadas principalmente no Brasil têm apontado novas características tanto do circuito superior como do circuito inferior da economia urbana (SILVEIRA, 2007; SILVEIRA, 2009; SILVEIRA, 2010; SILVEIRA, 2011a; SILVEIRA, 2011b; OLIVEIRA, 2009; MONTENEGRO, 2011; F. C. SILVA, 2012; S. C. SILVA, 2012).

A seguir, destacamos algumas das principais transformações verificadas nos dois circuitos, a partir de alguns desses estudos, que acreditamos serem decorrentes, de forma direta, do novo papel assumido pela informação.

De início, afirmamos que as modernizações derivadas da “revolução informacional” são absorvidas, sobretudo, pelo circuito superior da economia, uma vez que este mesmo produz e comanda diversas variáveis que realizam tais modernizações. Sendo assim, para Silveira (2011a, p. 3) “as modernizações tecnológicas e organizacionais contemporâneas têm fortalecido o Circuito Superior das economias urbanas e, como corolário, provocaram seu distanciamento do Circuito Inferior, que aumenta pela produção de pobreza e dívidas sociais”.

Num contexto macroeconômico neoliberal, os processos decorrentes da centralidade da variável informação permitem ao circuito superior da economia urbana:

- Novos controles sobre os mercados consumidores e flexibilização das relações de trabalho;

Com a importância que vai ganhando o saber estratégico na consecução, produção e venda das mercadorias para o capitalismo contemporâneo, Gorz (2005) nos fala da transformação do conhecimento em capital, ou seja, do “capital imaterial” como principal fonte de valor das mercadorias. Dentre outras consequências, uma derivação direta de tal processo seria a prevalência do valor simbólico do produto sobre seu valor prático.

Quando uma marca valorizada no mercado, por exemplo, é a principal fonte de lucros de uma empresa, e não a mais-valia extraída dos trabalhadores, esta pode terceirizar a produção e se ocupar, apenas, da concepção e do design do produto (GORZ, 2005, p. 39). Se isto permite a contratação de empresas menos capitalizadas por parte das empresas detentoras das marcas para a realização de algumas etapas do processo produtivo (LOJKINE, 2002, p. 38; S. C. SILVA, 2012), ao mesmo tempo significa novas formas de controle do circuito superior sobre os mercados consumidores e sobre o circuito inferior, além da precarização das relações de trabalho e do desemprego (ANTUNES, 2002; HARVEY, 2008). Aumentando o controle sobre a economia, o circuito superior aumenta também seus lucros (SILVEIRA, 2011a, pp. 4-5).

- Ter maior “segurança”, em relação ao circuito inferior, para agir no contexto econômico mundial e a possibilidade de continuar produzindo os gostos;

Lembramos que o interessante para as grandes empresas é a informação estratégica (LOJKINE, 2001; BERNARDES, 2011 [2001]). Com a adesão aos marcos da política neoliberal, a participação das empresas na economia mundial supõe uma constante busca por inovações de



produtos e estratégias com finalidade de se inserir na competitividade. Neste sentido, “[...] a produção de informações à racionalização das grandes organizações emerge como a atividade contemporânea por excelência, vindo redefinir e criar trabalhos especializados” (BERNARDES, 2011 [2001] p. 381).

O circuito superior da economia, para Silveira (2011a; 2011b), alcança níveis mais elevados de organização. As informações estratégicas, sobre os lugares e sobre a economia, orientam decisões tais como: em que país ou região investir, o setor da economia mais lucrativo para aplicar os excedentes, como usar os lucros, informações sobre o mercado financeiro, além de delimitar padrões técnico-científicos destinados à gestão empresarial. Além disso, o crédito e “[...] la propaganda multiplican el consumo e invaden los mercados del circuito inferior, disminuyendo sus lucros” (SILVEIRA, 2011b, p. 1). A intensificação do uso da propaganda (ANTONGIOVANNI, 2011 [2001]) somado a outros elementos informacionais permitem

[...] uma expansão social e territorial dos mercados do circuito superior jamais vista, que contribui para evitar tanto a superprodução quanto a capacidade ociosa da indústria, ou ainda o excesso de estoques no comércio, incluindo o problema da obsolescência de certas mercadorias. (SILVEIRA, 2009, p. 68)

Assim, não se trata mais, como na década de 1970, de incitar uma demanda entre os pobres que não era na sua maior parte suprida pelas grandes empresas, mas de controlar parcelas cada vez maiores dos mercados consumidores pela fidelidade a seus produtos.

De sua parte, por continuar com níveis reduzidos de capitais e com uma organização incapaz de acompanhar esta nova modernização, mas ter que conviver na situação produzida por ela, o circuito inferior também conhece mudanças importantes. Com base nos estudos disponíveis sobre a realidade da pobreza urbana brasileira, afirmamos que devido ao fato de o circuito inferior não ancorar suas ações às informações estratégicas aumentam suas relações de dependência com o circuito moderno (MONTENEGRO, 2001; S. C. SILVA, 2012). Hoje, portanto, encontramos no circuito inferior da economia urbana:

- A oferta de novos bens e serviços;

Como em muitas situações as propagandas são voltadas diretamente a determinadas marcas (SILVEIRA, 2011a, p. 18), o circuito inferior vê a possibilidade de não perder parte de sua clientela através da imitação de produtos, o que atrai uma população significativa. Em seu estudo sobre o circuito inferior da economia urbana em metrópoles brasileiras, Montenegro (2013, p. 34) constatou que “os pequenos negócios do circuito inferior buscam responder ao aumento do consumo,

diversificando serviços e produtos oferecidos, muitas vezes inspirados naqueles do circuito superior”. Além disso, muitos bens e serviços representativos da mais nova modernização chegam às populações pobres e se mantêm em funcionamento através do circuito inferior. Neste sentido, podemos citar os seguintes exemplos: lanhouses, serviços de recarga de cartuchos, conserto de celulares, serviços de fita K7 e LP para CD, gravação e venda de CDs e DVDs etc. Dessa forma, o circuito inferior continua contribuindo para alargar as modernizações capitalistas que se dão de maneira seletiva no território dos países periféricos.

- A incorporação de técnicas modernas (ainda que com um grau reduzido de organização);

O uso do computador e do telefone celular, por exemplo, hoje, se torna comum entre muitas atividades do Circuito Inferior da economia e entre as populações pobres (MONTENEGRO, 2011, p. 28; OLIVEIRA, 2009; DANTAS, 2010). Se é verdade que estas são técnicas representativas da “revolução informacional”, usadas nas mais modernas formas de gestão empresarial, o baixo nível de organização de muitas atividades urbanas nos países periféricos só permite usá-las de outras maneiras e para outros fins. É o caso, por exemplo, do uso do telefone celular por muitos trabalhadores autônomos para estabelecer contato com sua clientela em algumas metrópoles brasileiras (MONTENEGRO, 2011, p. 51).

- Maior participação de algumas de suas atividades na divisão do trabalho das grandes empresas.

Em virtude da terceirização de algumas atividades por empresas do circuito superior, em certas situações o circuito inferior passa a se inserir, de forma subordinada, na divisão do trabalho de tais empresas. Neste sentido, encontramos um exemplo em estudo realizado por S. C. Silva (2012). A autora constatou que a etapa da produção de grandes marcas de confecções (C & A, Renner, Riachuelo, Zara etc.) é realizada através da subcontratação de pequenas oficinas na cidade de São Paulo, cabendo às grandes empresas as atividades que mais valorizam os produtos, isto é, a concepção e o design.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos países periféricos, dada as grandes desigualdades historicamente constituídas, diferentes agentes sociais usam o espaço geográfico (SANTOS, 2008a [1996]). Constatamos que quando a informação-publicidade se torna fundamental para a expansão da economia moderna nestes países,



surgem, nas cidades, atividades econômicas com diferentes níveis de capital, tecnologia e organização, isto é, uma forma renovada de desigualdade socioespacial.

Um dos aspectos que diferencia a teoria que Milton Santos nos apresenta n' *O Espaço Dividido* das demais interpretações sobre a urbanização no “Terceiro Mundo” é a consideração do processo econômico na sua totalidade: produção, distribuição, comercialização e consumo. Isso o leva a colocar a variável informação na origem dos dois circuitos econômicos, bem como na explicação das diversas relações que se estabelecem entre o circuito superior e o circuito inferior da economia urbana.

Com o aumento da importância da informação organizacional para o capitalismo contemporâneo, as atividades urbanas de baixos níveis de capital, tecnologia e organização encontram novas formas de produções a partir de renovadas demandas insatisfeitas nas cidades dos países periféricos. No entanto, face ao contexto neoliberal, as pequenas atividades urbanas se veem cada vez mais indefesas sem o comando das novas tecnologias da informação e sem o peso das informações organizacionais na condução de suas ações, aumentando, portanto, o seu caráter de dependência. Por outro lado, o circuito superior aumenta seus níveis de organização, tecnologia e, portanto, seus lucros. Assim, os dois circuitos da economia urbana têm seus conteúdos redefinidos no período atual, e muitas das transformações que eles conhecem resultam diretamente do novo papel assumido pela informação.

Desse modo, acreditamos que as novas relações costuradas entre os dois circuitos da economia urbana, apontadas brevemente no presente artigo, constituem campos importantes para o desenvolvimento de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, W.; MCGEE, T.G. **Theatres of Accumulation**. Studies in Asian and Latin America urbanization. London and New York: Routledge Library Editions: The City, 2007 [1985].

ANTONGIOVANNI, L. Alguns nexos entre a atividade publicitária e o território brasileiro. *In*: SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Livro vira-vira 1. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. p. 367-378.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2002.

BERNARDES, A. A nova divisão territorial do trabalho brasileira e a produção de informações na cidade de São Paulo (as empresas de consultoria). *In*: SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: edições Bestbolso, livro vira-vira 1, 2011. p. 379-398.

- BRAUDRILLARD, J. **Para uma crítica da economia política do signo**. Tradução de Aníbal Alves. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Edições 70, 1995.
- BRAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- CASTELLS, M. **La era de la información: economía, sociedad y cultura**. Volumen III. Fin de milenio. Madrid: Alianza Editorial, 1998.
- CORAGGIO, J. L. **Ciudades sin Rumbo**. Investigación urbana y proyecto popular. Quito: CIUDAD-SIAP, 1991.
- DANTAS, M.. Convergência digital: entre os “jardins murados” e as praças públicas. *In: Susana Sel (Coord.). Políticas de comunicação en el capitalismo contemporaneo*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2010. p. 41-68.
- FURTADO, C. Le mythe du développement et le futur du Tiers Monde. **Tiers-Monde**. Tome 15, n° 57. p. 57-68, 1974.
- GEORGE, P. **Geografia do consumo**. Tradução de Djalma Forjaz Neto. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
- GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.
- IANNI, O. A globalização e o retorno da questão nacional. *In: Primeira Versão*, IFCH/Unicamp, junho, 2000.
- HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações**. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo, Boitempo, 2011.
- LOJKINE, J. **A revolução informacional**. Tradução de José Paulo Netto. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MONTENEGRO, M. R. **Globalização, Trabalho e Pobreza no Brasil Metropolitano**. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. São Paulo: 2011, 303f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- MONTENEGRO, M. R. Novos nexos entre os circuitos da economia urbana nas metrópoles brasileiras. **Revista da ANPEGE**, v. 9, n. 11, p. 29-41, jan./jun. 2013.
- MARTTELART, A. **Comunicação-Mundo: história das ideias e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NORA, P. O retorno do fato. *In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). História: novos problemas*. Tradução de Theo Santiago. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. p. 179-193.
- NUN, J. Superpoblación relativa, ejército industrial de reserva y masa marginal. **Revista Latinoamericana de Sociología**. v. 5, n°. 2, jul, 1969.
- OLIVEIRA, E. L. **Divisão do trabalho e circuito da economia urbana em Londrina – PR**. 2009. 338 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- OLIVEIRA, F. **A Economia Brasileira: crítica à Razão Dualista**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 1987 [1972].

OLIVEIRA, F. Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal. *In*: OLIVEIRA, F. & PAOLI, M. C. (orgs.). **Os sentidos da democracia**. Políticas do dissenso e hegemonia global. Petrópolis, RJ: Vozes, Brasília, NEDIC, 1999. p. 55-82.

QUIJANO, A. **La economía popular y sus caminos en América Latina**. Lima: Mosca Azul Editores, 1998.

ROBERTS, B. **Cities of Peasants: The Political Economy of Urbanization in the Third World**. London: Beverly Hills, 1978.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 2009a [1996].

SANTOS, M. **O Espaço Dividido**. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2008a [1979].

SANTOS, M. **Pobreza Urbana**. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2009b [1978].

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Livro vira-vira 2. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2011 [2001].

SANTOS, M. O Retorno do Território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1994. p. 15-20.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5 ed. São Paulo: EDUSP, 2008b [1994].

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Livro vira-vira 1. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2011 [2001].

SILVA, F. C. **O circuito inferior da economia urbana em Campinas/SP: análise sobre a mobilidade espacial e o acesso ao crédito**. São Paulo: 2012, 159f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SILVA, S. C. **Circuito Espacial Produtivo das confecções e exploração do trabalho na metrópole de São Paulo: os dois circuitos da economia urbana no bairro do Brás e Bom Retiro (SP)**. Campinas, SP: 2012 [s.n.]. Tese (Doutorado em Geografia), Unicamp (IG), 2012.

SILVEIRA, M. L. Metrópolis brasileiras: un análisis de los circuitos de la economía urbana. **Eure**, v. XXXIII, n. 100, p. 149-164, 2007.

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v.22, n.55, jan./abr. p. 65-76, 2009.

SILVEIRA, M. L. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana. **XVI ENG**. Porto Alegre: AGB, p. 1-11, 2010.

SILVEIRA, M. L. Modernizações territoriais e circuitos da economia urbana no Brasil. **XIV Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro – RJ, p. 1-21, 2011a.

SILVEIRA, M. L. Urbanización latinoamericana y circuitos de la economía urbana. **Revista Geográfica de América Central** Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre, p. 1-17, 2011b.

SPOSITO, E. S. A Teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação? *In*: SOUZA, A. *et al.* (eds.). Milton Santos. **Cidadania e Globalização**. Bauru: AGB/ Saraiva, 2000. p. 51-56.

VIEILLE, P. L'espace global du capitalisme d'organisation. **Espaces et Société**, nº 12 mai, p. 3-32, 1974.

ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós-global. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

Recebido em 09 de outubro de 2015
Aprovado em 23 de setembro de 2016

